Retornos e partidas: as muitas diásporas narradas por mulheres negras

Returns and departures: the many diasporas narrated by Black women

Regresos y partidas: las múltiples diásporas narradas por mujeres negras

Mônica Maria dos Santos
https://orcid.org/0000-0003-0375-9488
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Resumo

A história das populações negras no Brasil é marcada por deslocamentos espaciais que acompanham suas trajetórias, desde o sequestro de seus ascendentes no período escravocrata até aos deslocamentos em território brasileiro, empreendidos na busca de melhores condições econômicas e do acesso à terra para cultivo, ou apenas o seu uso para habitação. As narrativas de mulheres negras, em sua maioria, estão focadas em sujeitos diaspóricos, pois, ao falarem de sua ancestralidade, da sua descendência de pessoas que foram submetidas à escravidão, fazem referência a sujeitos em diáspora, seja ela, a diáspora forçada materializada no sequestro dessas pessoas de seus países na África, seja a diáspora vivida dentro do Brasil, na busca pelo direito de possuir e/ou ocupar um espaço para fazer dele um lugar, destacando como o movimento do corpo simboliza a ocupação do espaço. A análise dos espaços representados nos romances, escritos por mulheres negras, evidencia uma grande movência espacial dos personagens e protagonistas em buscas pessoais e coletivas pela história de suas origens, pelo direito a uma vida menos desafiadora, pelo acesso à educação, por um lugar de fala legitimado. O objetivo desta análise é apresentar, em romances escritos por mulheres negras no Brasil, as motivações diaspóricas empreendidas pela população negra no Brasil. Como aporte teórico a pesquisa parte do estudo das discussões do espaço na literatura em romances de autoria negro feminina brasileira. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, quanto aos procedimentos técnicos, adotando-se uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em obras e estudos já publicados.

Palavras-chave: Romances escritos por mulheres negras. Diáspora. Escravidão.

Abstract

The history of Black populations in Brazil is marked by spatial displacements that accompany their trajectories, from the kidnapping of their ancestors during the slavery period to displacements within Brazilian territory undertaken in the search for better economic conditions and access to land for cultivation, or simply its use for housing. The narratives of Black women, for the most part, are focused on diasporic subjects, because, when speaking of their ancestry, of their descent from people who were subjected to slavery, they refer to subjects in diaspora, whether it is the forced diaspora materialized in the kidnapping of these people from their countries in Africa, or the diaspora experienced within Brazil, in the search for the right to possess and/or occupy a space to make it a place, highlighting how the movement of the body symbolizes the occupation of space. An analysis of the spaces represented in novels written by Black women reveals a significant spatial movement of characters and protagonists in personal and collective searches for the history of their origins, for the right to a less challenging life, for access to education, and for a legitimate voice. The objective of this analysis is to present, in novels written by Black women in Brazil, the diasporic motivations undertaken by the Black population in Brazil. As a theoretical framework, the research begins with a study of discussions of space in literature in novels authored by Black Brazilian women. This is a basic research project, employing a bibliographic approach based on previously published works and studies.

Keywords: Novels written by Black women. Diaspora. Slavery.

Resumen
La historia de las poblaciones negras en Brasil está marcada por desplazamientos espaciales que acompañan sus trayectorias, desde el secuestro de sus ancestros durante la esclavitud hasta los desplazamientos dentro del territorio brasileño en busca de mejores condiciones económicas y acceso a tierras cultivables o simplemente para vivienda. Las narrativas de las mujeres negras, en su mayoría, se centran en sujetos diaspóricos, ya que, al hablar de su ascendencia, de su descendencia de personas esclavizadas, se refieren a sujetos en diáspora, ya sea la diáspora forzada materializada en el secuestro de estas personas de sus países en África, o la diáspora vivida dentro de Brasil, en la búsqueda del derecho a poseer y/o ocupar un espacio para convertirlo en un lugar, resaltando cómo el movimiento del cuerpo simboliza la ocupación del espacio. Un análisis de los espacios representados en las novelas escritas por mujeres negras revela un movimiento espacial significativo de personajes y protagonistas en búsquedas personales y colectivas de la historia de sus orígenes, del derecho a una vida menos difícil, del acceso a la educación y de una voz legítima. El objetivo de este análisis es presentar, en novelas escritas por mujeres negras en Brasil, las motivaciones diaspóricas de la población negra brasileña. Como marco teórico, la investigación parte de un estudio de las discusiones sobre el espacio en la literatura, específicamente en novelas escritas por mujeres negras brasileñas. Se trata de un proyecto de investigación básica que emplea un enfoque bibliográfico basado en trabajos y estudios publicados previamente.

Palabras clave: Novelas escritas por mujeres negras. Diáspora. Esclavitud.

Introdução

A história das populações negras no Brasil, é marcada por deslocamentos espaciais que acompanham a trajetória dessas populações, desde o sequestro de seus ascendentes no período escravocrata, até aos deslocamentos em território brasileiro, empreendidos na busca de melhores condições econômicas e do acesso à terra para cultivo, ou apenas o seu uso para habitação. Tal constatação nos remete as afirmações de Brandão, em que o autor assevera que, "[...] Espaços podem ser conceituados como efeitos de deslocamentos, o que introduz no cerne do conceito as noções de movimento e de tempo [...] (Brandão, 2013, p. 180).

As narrativas de mulheres negras, em sua maioria, estão focadas em sujeitos da diáspora, pois, ao falarem de sua ancestralidade, da sua descendência de pessoas que foram submetidas a escravidão, fazem referência a sujeitos em diáspora, seja ela, a diáspora forçada materializada, no sequestro dessas pessoas de seus países na África, seja ela a diáspora vivida dentro do Brasil, na busca pelo direito de possuir e/ou ocupar um espaço para fazer dele um lugar.

A análise dos espaços representados, nos romances escritos por mulheres negras neste *corpus*, evidencia uma grande movência espacial dos personagens e protagonistas em buscas pessoais e coletivas pela história de suas origens, pelo direito a uma vida menos desafiadora, pelo acesso à educação, por um lugar de fala legitimado.

Como nos mostra Pádua, na diáspora, "[...] o movimento precisa necessariamente de um corpo. Não há como pensar o movimento, em quaisquer de suas formas ou variações sem um corpo. Significa que o corpo pertence à essência do movimento" (Pádua, 2013, p.39) e, esse movimento vai estar relacionado, não só ao corpo, mas a ocupação que esse corpo precisa buscar para existir de forma completa, seja na reinvenção do deslocamento forçado, seja nas crenças de vivência de uma nova experiência, através da diáspora escolhida.

Para explorar as muitas motivações diaspóricas e os inúmeros processos de organização e ocupação espacial que a diáspora desencadeia dividimos a análise em três partes: na primeira apresentamos os romances que descrevem a diáspora a partir da África no auge do tráfico de escravizados

Na segunda, nos dedicamos a apresentação das diásporas internas que refletem o movimento de resistência a escravidão, movimentos ainda observados na contemporaneidade e, na terceira exploramos as diásporas temporais e interplanetárias que povoam os romances afrofuturistas.

1. Sobre diásporas e escravidão

Iniciamos o movimento da diáspora com a voz de mãe Susana, que nos leva à África, para o vilarejo em que vivia com a sua família e, onde era livre. Ela nos apresenta um lugar repleto de afetos e de experiências. Com ela também, entramos, pela primeira vez, no porão do navio negreiro, e experimentamos, a partir da palavra dela, toda escuridão, angústia e medo dos dias vividos em um "tumbeiro" para, depois adentrarmos os recantos das senzalas e dos espaços de castigo construídos pela escravidão.

O caminho até a África, vai ser repetido por Ana Maria Gonçalves, que nos apresenta, com profundidade, o reino de Daomé em seus costumes e conflitos em dois momentos distintos, já que é, nesse reino, que sua protagonista, Kehinde, nasce e vive os primeiros anos da infância, até ser capturada e realizar junto com a avó e a irmã gêmea, a diáspora forçada para o Brasil.

A partir da voz de Kehinde, entraremos outra vez no "tumbeiro", compartilharemos com ela a companhia da morte que vitima a avó, a irmã e muitas pessoas que dividiam aquele porão. A protagonista, num relato detalhado, descreve todos os movimentos da escravidão em terras brasileiras, a partir dos primeiros dias da travessia:

> Durante dois ou três dias, não dava para saber ao certo, a portinhola no teto não foi aberta, ninguém desceu ao porão e estava quase impossível respirar. Algumas pessoas se queixavam de falta de ar e do calor, mas o que realmente incomodava era o cheiro de urina e de fezes. A Tanisha descobriu que se nos deitássemos de bruços e empurrássemos o corpo um pouco para a frente, poderíamos respirar o cheiro da madeira do casco do tumbeiro. Era um cheiro de madeira velha impregnada de muitos outros cheiros, mas, mesmo assim, muito melhor, talvez porque do lado de fora ela estava em contato com o mar (Gonçalves, 2020, p. 48).

Pela experiência dela, conhecemos os espaços de recuperação para os escravos debilitados pela travessia, a permanência nos casarões do mercado de escravos, as negociações de compra e venda e o processo de adaptação ao engenho para onde é levada.

> Quando abriram a porta, fomos avisados de que, por causa das mortes a bordo e de algumas pessoas que ainda estavam muito doentes, não poderíamos desembarcar logo na cidade de São Salvador, o nosso destino. Estavam nos deixando em uma ilha chamada Ilha dos Frades, onde ficaríamos por um tempo até terem certeza de que mais ninguém adoeceria ou morreria. Quem nos contou isso foi um guarda que, durante todo o tempo, me pareceu ser uma boa pessoa, porque os outros nem se davam ao trabalho de prestar atenção às nossas perguntas [...] (Gonçalves, 2020, p. 61-62).

A experiência de Kehinde como escravizada, tem início na casa-grande do engenho onde é acolhida por Esméria, uma escrava mais velha, que a recebe e passa a constituir, sua referência de família, que ensina a ela a língua portuguesa e os primeiros trabalhos que ela desenvolve como escrava.

> [...] Surgiu então uma terceira, mais velha e gorda, vestindo saia e blusa sujas de carvão, que me ofereceu um bom pedaço de bolo e um copo de leite. Ela começou a conversar comigo em português e eu respondia em iorubá, não me lembro exatamente o quê, mas acho que devo ter entendido. Não era difícil entender o português, eu apenas ainda não conseguia falar. Enquanto comia, com gosto e fome, ela me olhava com pena e carinho, e quando devolvi o copo vazio, falou em iorubá que eu tinha que aprender logo o português, pois o sinhô José Carlos não permitia que se falassem línguas de pretos em suas terras, e que qualquer coisa de que eu precisasse era para falar com ela, que se chamava Esméria (Gonçalves, 2020, p. 74).

Na sua constante diáspora, Kehinde vivencia também o espaço da senzala e dos trabalhos no engenho, apresentando de forma global, os espaços da escravidão no Recôncavo Baiano, do início do século XIX, bem como os detalhes das muitas relações entre escravos e seus senhores.

> Talvez, se eu tivesse ficado trabalhando apenas na casa-grande e morando na senzala pequena, não teria sabido realmente nada sobre a escravidão e a minha vida não teria tomado o rumo que tomou. Mesmo para uma criança de dez anos, ou, talvez, principalmente para uma criança de dez anos, era enorme a diferença entre os dois mundos, como se um não soubesse da existência do outro. Um outro mundo dentro do mesmo, sendo que o de fora, a senzala grande, era muito mais feio e mais real que o de dentro, a senzala pequena (Gonçalves, 2020, p. 111).

A primeira diáspora interna de Kehinde, acontece com a mudança do Recôncavo para Salvador, quando sua sinhá vende a fazenda depois da morte do marido.

> Eu fui a primeira entre os escravos a saber que nos mudaríamos. A sinhá Ana Felipa disse que tinha vendido a fazenda e tudo o que se encontrava dentro dela, inclusive os pretos da senzala grande, e estava comprando um solar na capital, para onde levaria apenas as coisas de uso pessoal e os pretos da senzala Pequena, pois nós não tínhamos entrado na negociação (Gonçalves, 2020, p. 185).

Em Salvador, ela continua em constante movimento, primeiro de casa, ao ser alugada como escrava para uma família inglesa e, depois, ao começar a trabalhar como escrava de ganho, podendo se deslocar com liberdade por todos os espaços da cidade.

> A sinhá Ana Felipa me colocou na rua, como escrava de ganho, a quase setecentos réis por semana, dinheiro que eu tinha que pagar a ela aos domingos. Como escrava de ganho, eu poderia sobreviver do que quisesse, poderia escolher meu trabalho, e ficaria com o dinheiro que ganhasse acima da quantia pedida por ela [...] (Gonçalves, 2020, p. 241).

Com a conquista da sua liberdade e, do envolvimento na Revolta dos Malês e outras organizações de resistência a escravidão, ela passa a empreender novas diásporas, a primeira para Cachoeira-BA, para fugir do risco de ser presa pelo seu envolvimento na Revolta dos Malês, momento em que se aproxima das tradições das religiões africanas.

Na busca por uma aproximação maior com o culto aos voduns, realizados pelas suas ancestrais, ela muda para São Luiz, no Maranhão,

> Fiquei nervosa quando o mestre Tibúrcio comentou que a qualquer momento avistaríamos as terras da província do Maranhão. Eu não tinha idéia do que encontraria, mas queria muito rever a Agontimé, pois tinha gostado demais dela no dia em que a conheci em São Salvador, principalmente depois de perceber o carinho que ela tinha pela minha avó. Eu me lembrava da sensação de estar perto da Agontimé, uma mulher mais forte e mais sábia do que todas as que eu já tinha conhecido, uma rainha em África e no Brasil, e queria muito agradecer o presente que ela tinha me dado (Gonçalves, 2020, p. 593).

Neste intervalo de busca a suas origens ancestrais, ela vive o desespero de saber que o seu segundo filho, havia sido vendido, como escravo, pelo próprio pai, "[...] ele começou a procurar os mercadores de pretos e descobriu que um deles tinha comprado um mulatinho de um homem cuja descrição se parecia com a do seu pai" (Gonçalves, 2020, p. 633).

As diásporas vividas a partir desse momento, acontecem movidas pela busca incessante para o resgate do menino. Nesta procura, ela migra para São Sebastião do Rio de Janeiro e, anos mais

tarde, depois de esgotadas as possibilidades de encontrar o filho nessa cidade, ela viaja para São Paulo, para Santos e para Campinas.

> Quando o abri, acho que todos perceberam a grande decepção nos meus olhos ao ler que você tinha passado apenas quinze dias em São Sebastião do Rio de Janeiro, na própria loja de velas, e depois tinha sido vendido para um comerciante de Santos, na província de São Paulo. Todos me disseram para não desanimar, pois, estando no rumo certo, era apenas uma questão de tempo para chegar até você. Disseram também que Santos era uma cidade menor que São Sebastião, onde seria até mais fácil procurar [...] (Gonçalves, 2020, p. 707).

Sem encontrar o filho, depois de ter procurado por ele em tantos lugares, ela contrata um detetive para continuar a procura, e resolve fazer uma viagem de volta a África. Nessa diáspora de volta à origem, muitas questões: políticas, econômicas, culturais e sociais, do continente africano, são trazidas para a discussão e apresentadas, a partir da perspectiva de uma mulher negra, que viveu como escrava e retornou como empresária para o seu país, "[...] Na manhã seguinte, fui até o cais e pedi para falar com o capitão do *Sunset*, um inglês, dizendo que gostaria de voltar para a África e poderia pagar a viagem, e ele me informou dos documentos que eu precisava, que pedi ao doutor José Manoel para providenciar" (Gonçalves, 2020, p. 728-729).

A África reencontrada pela Kehinde adulta, é apresentada em seus conflitos bélicos, na continuação do comércio de pessoas realizado entre os reis africanos e os europeus, assim como, na diversidade cultural entre nativos, estrangeiros e retornados.

> Às vezes eu ficava um pouco constrangida por me relacionar com mercadores de escravos, mas logo esquecia, já que aquele não era problema meu. Eu não conseguiria resolvê-lo mesmo se quisesse, e também não poderia ficar com muitos escrúpulos depois de fornecer armas para o rei Guezo, sabendo que seriam usadas em guerras que fariam escravos, quase todos mandados para o Brasil. Muitas vezes vi passar os exércitos tribais ou os reais, indo para as guerras ou voltando delas (Gonçalves, 2020, p. 771).

A passagem de Kehinde pela África, quebra muitos estereótipos, deixa claro a diversidade e a complexidade política e cultural e, nos mostra a África como o continente que ela é. Trata, também, das relações internacionais e do estabelecimento das colônias: inglesas, francesas e portuguesas.

Por ser uma mulher muito inteligente e consciente da necessidade de se estabelecer boas relações políticas, Kehinde prospera na África, constituí nova família, vive novas tragédias e, na velhice, já cega, após descobrir em uma carta antiga, novas pistas do paradeiro do seu filho no Brasil,

vive a sua última diáspora a bordo de um navio, de onde dita para sua acompanhante, a história da sua vida.

> Tive a idéia de fazer este relato três dias antes da partida, quando pedi a ajuda da Geninha e mandei comprar papel. O que eu imaginava ser uma carta de dez, doze páginas, porque sabia que não viveria até te encontrar, já se transformou em tantas que nem temos coragem ou tempo para contar, colocadas em uma pilha enorme aqui ao lado da minha cama. Sorte que percebemos isso ainda antes de embarcar, quando então mandei comprar mais papel, muito mais, a Geninha acaba de me avisar que nem foi tão exagerado quanto imaginamos a princípio. Passando os dias dentro desta cabine, ditando o que ela vai escrevendo, somente agora, no final da viagem, é que começo a pensar no que significa voltar ao Brasil, embora eu nada vá ver dos lugares dos quais ainda me lembro [...] (Gonçalves, 2020, p. 912).

Em *Água de barrela*, romance de estreia de Eliana Alves Cruz, voltaremos ao reino de Daomé, em Iseyin, pequena região do reino de Oiô, no Oeste Africano, para conhecer os ancestrais da autora, Akin, seu tio trisavó, (batizado como Firmino) e, Ewà, sua trisavó, (batizada como Helena), que são capturados e trazidos para o Brasil, como escravizados.

Na companhia de Akin e Ewà, faremos mais uma vez a travessia do Grande Kalunga, saindo do porto de São João da Ajuda, em Uidá, mesmo porto de onde partiu Kehinde, em *Um defeito de cor*, e, outra vez desembarcaremos nos portos de Salvador, para conhecer o Engenho de Nossa Senhora da Natividade em Cachoeira, no Recôncavo Baiano.

> Depois da espera no depósito parecida com a eternidade, foram acordados no meio da noite e caminharam cerca de dois quilômetros até o embarque. Akin olhou ligeiramente para trás. Esta seria a última imagem daquele continente que a sua retina registraria [...] (Cruz, 2018a, p. 25).
> A morte era uma das passageiras naquela travessia, ficava mais tenebrosa a cada sopro do vento nas velas. Até se tornou uma irmã siamesa quando o fizeram conviver acorrentado a um cadáver por três dias [...] Ele ainda era uma criança e não participara da revolta que fez dois mortos entre os tripulantes do navio [...] (Cruz, 2018a, p. 25-26).
> [...]
> Quando Akin e Ewà Oluwa se aproximaram da costa brasileira, viram apenas uma linha ao longe. Passaram cerca de 50 dias no mar, com o veleiro "Boa Ventura", fazendo outras rotas para se esconder da vigilância que cercava os navios de tráfico ilegal para a Bahia. [...] (Cruz, 2018a, p. 27).

As diásporas em *Água de barrela,* são experienciadas por muitos personagens depois da chegada ao Brasil. O primeiro a experimentá-la em território brasileiro é Firmino, que por sua

resistência a condição escrava, precisa fugir após um desentendimento com o capataz da fazenda e, mais tarde, em decorrência da sua rebeldia, é encaminhado para o Sul do país como soldado da Guerra do Paraguai "No final de 1867, Firmino e Fiel desembarcam na região sul do país [...]" (Cruz, 2018a, p. 93).

Ao voltar da guerra, ele ainda encontra dificuldades sociais e políticas para permanecer em Cachoeira e, por isso, viaja para o Rio de Janeiro, onde vive um longo período, depois dessa experiência na capital do país, volta para a Bahia, mas passa a viver em Salvador.

As mudanças na estrutura social do pós-abolição, provocam conflitos entre fazendeiros e os ex-escravos. Em um desses conflitos, Anolina, a sobrinha de Firmino é morta e sua filha, Martha, seu genro Adonis e sua neta recém-nascida, Damiana se mudam para Cachoeira.

> Abriram uma cova simples ali perto. [...] no espaço que separava aquele momento e a tragédia, a menina envelheceu. Pôs flores para a mãe.
> _Mainha, prometo que vou viver bem. Prometo que vou vencê e... calou-se outra vez, deixando apenas que as lágrimas rolassem.
> Dasdô a abraçou de novo. Já estava tudo pronto para partir.
> [...]
> Os dois se despediram dos amigos que fizeram ali, mas que também estavam se arrumando para ir para outros lugares. Uns iam para o centro de Cachoeira, outros para Salvador. Dasdô decidiu seguir para a roça no Outeiro Redondo (Cruz, 2018a, p. 147-148).

Seguindo os passos do tio avó Firmino, Martha passa a viver em constante deslocamento entre Cachoeira e Salvador. Anos depois, sua neta Celina, filha de Damiana vai dar continuidade a diáspora familiar, ao ir morar no interior do estado, para assumir o seu primeiro emprego como professora. Já na velhice, Damiana se muda para o Rio de Janeiro em busca de tratamento para a sua segunda filha, Anolina, a Nunu.

> Copacabana brilhava. O sol ardia. As moças na praia, com seus saiotes e chapéus [...] Damiana sentou-se no limiar entre a praia e o asfalto. Olhou para o asfalto e enxugou o suor do rosto, pensando no que afinal tinha ido fazer ali [...]
> Sessenta e seis anos depois que Firmino pisou pela primeira vez na cidade que serpenteava caprichosa entre pântanos, montanhas, mares, Damiana e Nunu desembarcavam na Capital Federal [...] (Cruz, 2018a, p. 275).

Em meados do século XX, a família toda, se muda definitivamente para o Rio de Janeiro, em busca do objetivo de possibilitar que os filhos de Celina pudessem estudar, se formar e, não mais viver de trabalhos braçais, como os que foram executados por toda a família, desde a chegada de Akin e Ewà, como escravos, no Brasil.

> Demorou um pouco, mas a família o seguiu na capital federal, onde as crianças cresceram, tornaram-se jovens, estudaram [...]
> Damiana e Nunu continuaram na Bahia por um bom tempo. [...]
> No rio de Janeiro, Eloá tornou-se um aluno brilhante. Copiando livros ou pegando emprestado em bibliotecas, aplicou-se com afinco. Parecia ter herdado o gosto do bisavô Adonis pelo estudo. Tento fez que passou aos 18 anos para a Faculdade Nacional de Direito. Correu para Salvador na primeira chance, para abraçar e agradecer a avó Damiana [...] (Cruz, 2018a, p. 275).

Com Eliana, voltaremos outras duas vezes à África. No enredo de *O crime do Cais do Valongo*, na apresentação da terra de origem da protagonista Muana, adentramos as terras de Moçambique, na região do Monte Namuli, povoado por um dos seguimentos do povo Macua, "[...] Ele era um jimbanda[1] e muitos tinham tradição em feitiçarias. Dizia coisas fortes em sua língua, que aprendi a reconhecer um pouco nos meus tempos de mercado em Queliname [...]" (Cruz, 2018b, p. 22).

Antes da grande diáspora para o Brasil, Muana migra com a família para Quelimane – região de Moçambique de colonização islâmica, no sul do Malauí. A migração da família é uma fuga política do vilarejo do Monte Namuli,

> Caminhamos, caminhamos e caminhamos até finalmente depois de mais de quatro dias chegamos a Queliname e até hoje não sei traduzir meu choque. [...] Queliname fervilhava! Mergulhamos em ruas repletas de seres humanos tão diversos e numerosos quanto as plantas das florestas do Namuli [...] (Cruz, 2018b, p. 89).

Por divergências culturais e religiosas, a família de Muana sofre grandes perdas e traumas, e esses acontecimentos levam a protagonista a fugir para um convento de onde, depois de descumprir regras, é levada para o navio, que a traz para o Brasil, desta vez, para a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1790, antes da construção do Cais do Valongo.

> [...] Minha mãe foi denunciada por herege feiticeira por minha iniciação. Viram-nos em uma tarde e denunciaram. A pena eu sabia qual era: apedrejamento. Mas tinham outros planos. Venderiam a todos nós para o comércio de gente do qual faziam parte ativamente. Seríamos trocados por homens deles aprisionados por brasileiros, portugueses, franceses ou castelhanos. O argumento era "diferença religiosa"
> Estávamos prestes a mergulhar no abismo salgado do fim do mundo. Em breve estaríamos soltos no gigantesco rio chamado mar (Cruz, 2018b, p. 107-108).

[1] Uma denominação dada aos negros homossexuais. (CRUZ, 2018b, p. 22)

As outras diásporas narradas no romance, concentram-se nas andanças de Muana pela cidade do Rio, e no contato que ela tem com as pessoas que, ao morrerem durante a travessia, ou ao chegar muito debilitadas ao Brasil, ficaram presas entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, por não receberem, na ocasião de suas mortes, os rituais de preparação e sepultamento do corpo, praticados por sua fé.

> Fiz questão de esclarecer ao senhor João Toole: deixe-me lhe contar algo sobre a morte senhor advogado. Para nós ela não existe. Apenas vamos viver em outro lugar, junto aos ancestrais, mas para isso precisamos de uma sepultura digna ou continuaremos vagando aqui, onde não é mais nossa morada, assombrando os vivos e o mundo. Naquela altura com apenas 13 estações das chuvas, eu já possuía dois ancestrais sem residência e errantes nesta Terra de dores [...] (Cruz, 2018b, p. 138).

O terceiro romance da autora, *Nada digo de ti, que em ti não veja*, volta à África para falar da origem da protagonista Vitória, uma mulher transexual, no contexto espacial do Rio de Janeiro do século XVIII. Nascida no Congo, Vitória faz a travessia do Kalunga e vive, assim com mãe Susana, Kehinde, Firmino, Muana, a reinvenção que a diáspora requer. O romance faz menção a outros lugares da África nos contando do tráfico de pessoas da Angola e de Benguela.

> Vitória era o seu quinto nome desde que viera ao mundo. Ela nascera como o menino Kiluanji Ngonga. Quando entenderam sua verdadeira natureza, foi chamada de Nzinga Ngonga, depois virou sacerdotisa e era chamada de Nganga Marinda (sacerdotisa dos mistérios ancestrais). Desembarcou na América sequestrada dos seus e a batizaram como o homem Manuel Dias. Depois de conquistar sua liberdade escolheu ser apenas Vitória [...] (Cruz, 2020, p. 38).
> [...]
> Nascera no Congo, nas margens de uma lagoa. [...] Não gosta de pensar nos motivos que a colocaram onde agora se encontrava e nem de recordar sua travessia pela calunga grande, que eles chamavam de oceano [...] (Cruz, 2020, p. 40).

As diásporas internas da narrativa, acontecem entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais, descrevendo, em detalhes, os muitos perigos enfrentados pelos tropeiros para chegar à região mineira, foco da grande exploração de ouro e pedras preciosas da época.

> Era ali, pelo porto do Rio de Janeiro, que passava tudo que chegava da Europa e da África para as descobertas Minas Gerais e vice-versa. Conduzido por tropeiros que viajavam meses no lombo de mulas pelo caminho do ouro, escoltado por alferes, soldados atentos, chegava um tesouro incalculável para embarcar para Portugal, e muitas destas embarcações a eles pertenciam [...] (Cruz, 2020, p. 50).

Paralelo à narração da viagem, a autora detalha o cotidiano das tropas e o tratamento recebido por cada um dos seus componentes, bem como a estrutura e organização social das minas, em Vila Rica.

Em *Fernando Pessoa: o cavaleiro do nada*, biografia em forma de romance, escrita por Elisa Lucinda, visitaremos a África a partir das vivências de Fernando Pessoa na infância e na adolescência. Na narração do poeta, acessamos o continente a partir do olhar da figura do colonizador, representado no texto, pelo padrasto de Fernando Pessoa, que ocupa um cargo político em Durban, na África do Sul.

> "Fernando!" É a voz de minha mãe a chamar-me. Não sei quantas horas e dias se passaram, mas o certo é que chegamos. O paquete para a Ilha d Madeira, e de lá, enfim, o grande navio que nos levaria a Durban. Era um miúdo diante de um novo mundo a ser visto só depois de rasgar muitas águas. Mas quem estava a singrar aqueles mares era mesmo um pequeno marujo, órfão menino com o coração partido e condenado a partir, que jamais alcançaria o propósito misterioso de conseguir fugir daquela dor [...] (Lucinda, 2015, p. 51).

Com Elisa, em *Livro do avesso: o pensamento de Edite*, viajamos até a África do Sul, num momento muito simbólico, no sepultamento de Nelson Mandela, o Mandiba. Em um capítulo curto, mas muito profundo, a autora destaca a importância de Mandiba para manutenção dos sonhos de uma África livre, do longo processo de segregação, experienciado durante séculos de colonização.

> Nelson Mandela morreu. Dor. Tão imprescindível homem. [...] Muita gente não aceita homem negro como fundamento da civilização, isso ainda não é verdade no imaginário desses mamíferos separatistas que mandam no mundo. Queria poder ir lá para o enterro de Mandiba, que apelido lindo para um homem preto presidente, nomeado na própria língua, este bem precioso que nos foi arrancado na escravização. Quem vai à África do Sul deixa uma parte do coração e nunca mais retorna de lá [...] (Lucinda, 2019, p. 88).

Fabiane Albuquerque, em *Cartas a um homem negro que amei*, narra sua experiência como freira em conventos no Congo, na África do Sul, a carta que narra essa experiência descreve com um olhar crítico na perspectiva de uma religiosa, "A vida no convento da África do sul era diferente daquela que vivi no Brasil, no meio do povo. Minha mobilidade era vigiada e limitada e a vida se resumia a comer, dormir e rezar (rezar muito, mas muito mesmo, além do necessário) [...]" (Albuquerque, 2022, p. 112).

Fabiane discute, também, os muitos segredos armazenados nos muros dos espaços da igreja católica, além de questionar os inúmeros abusos, sofridos pelos corpos femininos, em todos os espaços, inclusive, nos espaços religiosos.

> De volta àquele país, fiz amizade com freiras africanas de outro convento que conheci durante as missas dos domingos. Passei a visitá-las no sábado à tarde para fugir do tédio no meu convento. Uma vez, uma delas perguntou-me se eu tinha um amigo padre. Inocente, lhe respondi que sim, tinha vários. Ela, vendo que eu não havia entendido a pergunta, repetiu, "um amigo para te dar as coisas, a gente precisa de um amigo". Entendi que a conotação era sexual e logo perguntei se ela não tinha medo de engravidar. Para o meu espanto, ela me contou que havia retirado o útero, assim como muitas freiras africanas, pois, segundo ela, uma freira não precisava disso [...] (Albuquerque, 2022, p. 120-121).

As diásporas descritas até aqui, são resultado do acesso à experiência dos que a viveram, como acredito ser o caso da narração de mãe Susana, em *Úrsula*, dado a época e ao contexto escravista vivenciado por Maria Firmina dos Reis; de vivências diretas como a de Fabiane e de minuciosas pesquisas históricas como as observadas nas narrações de Elisa Lucinda, Ana Maria Gonçalves e Eliana Alves Cruz.

Todas, merecem destaque, porque recontam a história, a partir de perspectivas interseccionadas, são narradas por mulheres negras de origem social diferente e de tempos diferentes que contam sobre esses lugares experiências vividas por personagens que são e/ou podem ser reais, falando das dores, das relações afetivas e das reinvenções dessas pessoas no processo da diáspora. Experiências individuais e coletivas quase sempre invisibilizadas pela História oficial.

2. Diásporas internas: reflexos da escravidão

A movência experienciada na vinda da África para o Brasil, durante o período da escravidão, ganha novas configurações no pós-abolição, passando a fazer parte da vida de milhares de brasileiros que, descendentes de pessoas que foram vítimas desse período, continuaram colhendo, mais de um século depois, os frutos do despejo e da negação de ocupação dos espaços sociais, vivido pelos ex-escravos, que não foram contemplados com a distribuição de terras brasileiras.

Essa diáspora é descrita, de forma emblemática, nas muitas mudanças realizadas por Carolina Maria de Jesus em *Diário de Bitita*, na vivência no cortiço e na favela de sua protagonista Maria Clara em *Pedaços da fome*.

> Um dia apareceu um homem na cidade. Disse que estava procurando uma mulher para viver com ele numa fazenda. Que não era possível para um

> homem viver numa roça sozinho. Perguntou se minha mãe queria viver com ele. Ela aceitou.
> Ele disse que o lugar apropriado para os pobres é na roça. Que a vida do campo, além de ser mais saudável, é mais simples. A vida na cidade era difícil porque tínhamos que comprar de tudo.
> Ele foi procurar um fazendeiro, que o aceitasse como colono. Íamos residir na fazenda Lajeado, nas imediações de **Uberaba** (Jesus, 1986, p. 117, grifo meu).
> [...]
> Por infelicidade minha, minhas pernas ficaram cheias de feridas. Cozinhava
> ervas para banhar as pernas, e as feridas não cicatrizavam. Fiquei apavorada
> quando terminou a colheita. Com as pernas cheias de feridas, não podia trabalhar nos serviços domésticos. E viver dependendo do meu padrasto, e de minha mãe, era uma agonia para mim.
> Um dia, apareceu um preto procurando empregado para trabalhar na lavoura de café no **estado de São Paulo**. O senhor Romualdo aceitou. Reunimos oito pessoas porque íamos carpir café. Era necessário várias pessoas (Jesus, 1986, p. 125, grifo meu).
> [...]
> A Dolores, minha prima, arranjou serviço em **Franca**. Minhas feridas cicatrizaram, eu fui trabalhar na cidade. Empregada doméstica. E estava contente [...] (Jesus, 1986, p. 127, grifo meu).
> [...]
> Permaneci apenas seis dias na cidade de **Ribeirão Preto** e comi só uma vez
> na casa da minha tia (Jesus, 1986, p. 149, grifo meu).
> [...]
> Que luta! Sentia fome mas tinha medo de pedir. As seis horas cheguei em **Jardinópolis**. Procurei a Santa Casa, admirando (Jesus, 1986, p. 150, grifo meu)

A mesma diáspora que, vai estar presente na estrada da volta, empreendida por Rísia, em *As mulheres de Tijucopapo*, caminho percorrido de maneira física, por descrever o retorno de Rísia de São Paulo para Tijucopapo, terra de origem da sua mãe, lugar de mulher fortes e guerreiras que resistem ao ataque dos homens, mas também um retorno simbólico, marcado pelo alto nível de introspecção da personagem, que viaja para dentro de si mesma durante o retorno à terra da mãe, à procura de sua identidade e do resgate da sua história, do seu direito de contar sobre si, mesmo que essa narração aconteça por uma moça gaga que a realiza em língua estrangeira.

> Estou indo para Tijucopapo agora; depois de papai mamãe, e a perda do amor (Felinto, 2020, p. 19).
> [...]
> Em 1969, Natal, nós nos retiramos das praias ainda maravilhosas de Boa Viagem. Boa viagem da incendiada e alagada Recife de entre-rios. Da

> Recife coitada. Nós batemos em retirada no meio de porcos e galinhas e pedaços de tapioca amanhecida, entre catabios e sacolejos de um pau-de-arara, para um hotel imundo no Brás de São Paulo enquanto papai, o louco, alugava um porão qualquer onde nos socar. [...] Mas São Paulo jamais seria o paraíso dos panfletos que distribuíam sobre ela na coitada Recife (Felinto, 2020, p. 73).

Um caminho parecido, vai ser percorrido por *Ponciá Vicêncio*, a moça que migra da vila agrícola para a cidade grande sonhando com um destino diferente de todos os que viveram antes dela "Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias [...]" (Evaristo, 2017, p. 30).

A viagem de Ponciá, que a princípio é um movimento externo, se torna um mergulho na complexa história de sua família, permitindo que ela experimente com muita força, durante o processo, a angústia do deslocamento e do não pertencimento de toda sua linhagem.

> Quando Ponciá Vicêncio, depois de muitos anos de trabalho, conseguiu comprar um quartinho na periferia da cidade, retornou ao povoado. O trem era o mesmo, com as mesmas dificuldades e desconforto. Descia-se na entrada do povoado e caminhava todo o resto, horas e horas a pé. Atravessava as terras dos brancos e viam-se terrenos e terrenos de lavouras erguidas pelos homens que ali trabalhavam longe de suas famílias. Ponciá se lembrou do pai, das ausências dele durante os longos períodos de trabalho. Atravessou, depois, as terras dos negros e, apesar dos esforços das mulheres e dos filhos pequenos que ficavam com elas, a roça ali era bem menor e o produto final ainda deveria ser dividido com o coronel (Evaristo, 2018a, p. 41-42).

Vai ser, a partir da falta que sente do rio e do barro que ela retirava dele para esculpir a sua essência manifestada pela arte, que ela vai ficar, por muito tempo, perdida dentro de si, prostada diante de uma janela de seu barraco, espaço que vai funcionar como um portal que a permite olhar para o tempo passado e para as dores sofridas pelos seus e, também, a deixa ficar entre os mortos, num mundo paralelo entre o ontem e o agora, no espaço exato da costura dos tempos que vai se completar quando ela reencontrar sua mãe e enxergar o ontem-o-agora-e-o-depois.

> Ponciá Vicêncio estava muito perturbada naqueles dias. Levantara do banquinho em que estivera sentada nos últimos anos, na beira da janela, e dera de andar em círculos dentro do pequeno espaço do barraco. Falava muito sozinha, ora chorava, ora ria. Pedia barro, queria voltar ao rio (Evaristo, 2018a, p. 104).

A busca por um lugar para pertencer, para viver de forma menos sofrida, vai fazer parte, também, das diásporas das protagonistas de *Amor avenida*, de Lilia Guerra, que narra, a partir da história da sua avó, Viviana e, da sua mãe – Ana Júlia (Nininha), que os muitos lugares ocupados durante a vida de mulheres negras e pobres, têm sempre uma vontade de poder sonhar com dias melhores.

A primeira diáspora de Viviana acontece da casa de sua mãe, depois da morte do seu pai, para a casa de uma "madrinha", que a submete a trabalho escravo durante anos, além de impedir o casamento dela com um rapaz, que muda para São Paulo, em busca de emprego para poder realizar o casamento. O desencontro, provocado pela madrinha exploradora, dá a ela coragem de sair da casa.

A segunda diáspora se dá anos depois dela ser abandonada, com duas filhas pelo homem com quem se casou, depois de sair da casa da "madrinha". Desta vez, ela vai com a filha caçula trabalhar em São Paulo, na casa do irmão do seu ex-patrão. Anos mais tarde ela volta para o interior, por não concordar que os patrões cuidassem de forma diferente das suas filhas.

A falta de oportunidades de trabalho e a extrema miséria vivida em Pinda, que inferimos fazer referência a cidade de Pindamonhangaba/SP, a traz de volta com as filhas para São Paulo, lugar onde permanece até a sua morte, e onde vivencia novas carências e muita miséria, mudando constantemente de um lugar para outro.

Essas mesmas diásporas, provocadas pela falta de moradia, fazem parte de outros dois romances autobiográficos: *Nossas vidas pretas*, de Cristiane Macedo que migra entre as favelas de São Paulo e de *Da vida nas ruas ao teto dos livros*, de Clarice Fortunato, que conta a diáspora vivida, por ela e sua mãe, nas ruas de municípios do interior do Paraná e, depois, em favelas do interior de Santa Catarina, no Sul do país.

Olhar simultaneamente, para a narrativa de Lilia, Cristiane e Clarice permite afirmar, que ainda está muito presente, no tempo de agora, o que Carolina Maria de Jesus narrou sobre as quatro primeiras décadas do século XX, que foi vivido pela família de Lilia nos idos de 1960, 1970, 1980 e se repetem no século XXI nas histórias de Clarice e Cristiane, seja na conhecida e diaspórica São Paulo, ou em estados do Sul do país.

Essa história, recontada por vozes de gerações diferentes e de lugares geográficos distintos, reforça a colocação do professor Eduardo de Assis de que há, "[...] no arquivo da ficção afro-brasileira contemporânea, a presença do passado – um passado que não passa – e que remete tanto aos ancestrais e seus reverenciados saberes, quanto aos antepassados, com suas vivências e sofrimentos, hoje reproduzidos nos périplos dos descendentes [...]" (Duarte, 2020, p. 82).

Outra forma de diáspora, narrada por mulheres negras, é a que descreve a movência dessas mulheres em busca de acesso à educação, neste caso destacamos três obras, escritas por mulheres de gerações e espaços geográficos diferentes, a primeira é o romance *É fogo*! da gaúcha Maria Helena Vargas da Silveira que narra sua história de dentro do ambiente escolar, primeiro como aluna e de

pois como professora, contando a necessidade de mudar de Pelotas, sua cidade natal, para assumir uma vaga de emprego como professora em uma escola do interior do estado após ver a vaga, conquistada pelo seu desempenho em um concurso, ser ocupada por uma colega branca.

Depois da experiência como educadora no interior do Rio Grande do Sul, ela volta para Pelotas e ingressa na universidade, no entanto, como o curso era particular e o salário que recebia como professora, ficava quase todo comprometido com a mensalidade da universidade, tempos depois, migra para Porto Alegre após passar no vestibular da Universidade Federal.

Em Minas Gerais, nas regiões de Belo Horizonte e Contagem encontraremos nessa saga educacional as mineiras Karine Bassi, que nos conta a história de Sofia, protagonista do romance, *Sob o caminho uma rajada de ventos*, a saga de uma jovem universitária, que enfrenta batalhas diárias, para conciliar sua permanência na universidade com um trabalho que garanta sua alimentação e moradia na capital mineira, depois que sua família, devido a dificuldades financeiras, volta para a zona rural.

Em *Cartas a um homem negro que amei*, Fabiane Albuquerque, narra as suas diásporas que primeiro a deslocam dentro da própria família, fazendo-a morar, numa fazenda com a avó materna, "Fui morar com minha avó após a morte dela e foram os melhores anos da minha infância [...]" (Albuquerque, 2022, p. 39), depois com a tia, quando briga com a madrasta e é expulsa de casa "Fugi da casa do meu pai e fui buscar refúgio na casa da minha tia [...]" (Albuquerque, 2022, p. 67), depois com irmã mais velha quando é vítima da exploração da tia e da tentativa de abuso do tio.

> Eu tinha hora para levantar e não podia passar das sete da manhã, mesmo aos domingos e feriados. Precisava limpar e arrumar e não podia descansar durante o dia, tão pouco assistir televisão, usar o telefone, sair de casa, tirar férias, receber amigos, visitá-los ou comer o que eu queria. Aliás, eu não podia ter amigos [...] (Albuquerque, 2022, p. 71).

No início da juventude a encontraremos de mudança para Goiânia/GO, onde será interna de um convento com o propósito de seguir a vida religiosa.

> [...] Para conseguir o dinheiro da viagem escrevi uma carta me passando pelas freiras [...] então, li a suposta carta que eu mesma havia escrito como se fosse do convento e como ninguém questionou o plano, comprei as passagens e parti para Goiânia. A viagem de ônibus durou quatorze horas, eu, ainda menor de idade, ganhando o mundo em direção a goiás, terra que amo, que me acolheu e onde vivi os melhores anos da minha vida, foi onde me reinventei e ressuscitei (Albuquerque, 2022, p. 83).

Depois de concluir o noviciado, ela migra para o Maranhã a serviço do convento e, tempos depois para o Congo, na África do Sul, em missão religiosa. As muitas contradições vivenciadas na

vida religiosa e seu ingresso na universidade a fazem desistir do noviciado e a colocam, novamente, em busca de lugares para morar, até concluir o curso de Sociologia.

Uma outra característica da diáspora, que as romancistas negras, também abordam, é a da desterritorialização, materializada a partir da extinção das favelas o que culmina na mudança de seus moradores para lugares mais distantes dos centros e, consequentemente de seus locais de trabalho. É um processo de desterritorialização de uma favela em Belo Horizonte que inspira o enredo, de *Becos da memória,* de Conceição Evaristo.

No romance, a autora, através da voz de sua protagonista Maria-Nova, nos apresenta as múltiplas implicações, sentimentos e consequências da extinção dos lugares habitados por uma coletividade. A história contada por Maria-Nova, é atravessada por outras vozes, num movimento polifônico que narra as muitas histórias abrigadas primeiramente nos becos da favela extinta e, depois, nos becos da memória da menina Maria-Nova.

> A cada dia perdíamos mais pontos na favela. Havia caminhões levando mudanças o dia todo e todos os dias. O território nosso já se resumia ao quase nada. Os barracões eram derrubados com facilidade. O material que resistia ao abate era levado. Pedaços de tijolos, zinco, madeira, e às vezes, papelão (Evaristo, 2021, p. 157).

A narrativa de Conceição, é marcada pela existência geopsíquica do lugar da favela, proposta por Dias (2019), que, quando compartilhado pela palavra de Maria-Nova, não existe mais fisicamente, mas continua existindo como experiência da protagonista e dos outros moradores, que tinham, na favela, a localização geográfica do seu pertencimento.

> A palavra também se apresenta como uma tentativa de verbalizar imagens, sensações e afetos vividos em outros tempos e lugares, o que a faz mediar entre esses registros mnêmicos e o instante do dizer [...] a palavra substitui e representa a memória da experiência vivida. Por meio dela podemos nos aproximar da geograficidade de cada um de nós e do registro psíquico da experiência (Dias, 2023, p. 46).

Pertencimento que, quando subtraído deles, desencadeia muitos traumas e tristezas, como a morte de Tio Totó, a loucura de Cidinha-Cidoca, a morte dos três jovens, depois de uma brincadeira inconsequente com o trator que derrubava os barracos e, ia aos poucos, destruindo o lugar deles, caem dentro do buracão, que crescia vertiginosamente no centro da favela.

> Algumas pessoas morreram e não precisaram começar a mesma nova vida em outro local. Morreram o Zé da Guarda, a Velha Isolina, o menino Brandino, a jovem Marieta, a louca mansa Cidinha-Cidoca Maria-Minhoca e outros. Cidinha-Cidoca que pouco ou nada falava ultimamente, resolveu

> falar. E sua fala era uma resolução de morte. Ela dizia que iria morrer. Morrer como, por quê, e de quê, perguntaram para ela. A moça respondia que ia morrer de não viver. E para todos, ela apenas confirmava a loucura. Morrer de não viver... (Evaristo, 2021, p. 157).

A desistência da vida, representada por esses personagens, pode ser lida como uma metáfora da exaustão provocada pela busca incessante por um lugar para pertencer.

A narração da destruição da favela é, também, a rememoração de outras diásporas vividas pelos mais velhos como Tio Totó, que já havia perdido muito nas diversas travessias que precisou fazer para chegar até ali e, já não tinha mais forças para reinventar a vida numa nova diáspora.

> Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí, por esse mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar em que se enterra o umbigo? Verdade fosse!... (Evaristo, 2021, p. 18).

A desterritorialização, do lugar de pertencimento de Maria-Nova, vai encontrar eco na territorialização da periferia, da margem, de *A rua do Larguinho e outros descaminhos*, de Lilia Guerra, tendo como centro da narrativa a história de Pití e Bebete, duas jovens que moram na rua do Larguinho, e como periferia, a história de várias mulheres que habitam o entorno, da rua do Larguinho.

> A casa suspensa no grande terreno que seu Genuíno adquiriu na juventude, em troca do trabalho como construtor, abrigou todos os filhos. Quando o patrão entregou os papéis da terra o bairro nem existia. Um quinhão que não valia o mês de salário, e que outros trabalhadores recusaram. O patrão comemorou quando se viu livre do inconveniente de, vez por outra, monitorar o pedaço de chão naquela longura [...] (Guerra, 2021, p. 25).

Na complexidade da formação do bairro, denominado por Sá Narinha de “Fim-do- Mundo”, vamos conhecendo as muitas histórias que atravessam a formação das periferias brasileiras.

A rua do Larguinho e outros descaminhos, ganha uma continuação com a publicação do último romance da autora, *O céu para os bastardos*. A partir da narração de Sá Narinha, voltamos ao Fim-do-Mundo, para assistir ao final de muitas histórias não concluídas, em *A rua do Larguinho*.

O romance narrado por ela é, também, a conclusão da história, do seu desejo de ser escritora, ele seria a publicação das histórias que, durante a vida ela anotou em um caderno. História que foi desacreditada por um antigo patrão que era editor.

> _Sonho em escrever um livro. Algum dia.
> De dentro do Senhor, estourou uma risada escandalosa.
> _Não pense nisso, Maria. Como pode notar, todas as semanas me chegam livros e mais livros pelo correio. Novos autores enviam suas obras, esperando que eu as avalie positivamente. Esperam que eu os recomende. Mas creio que tudo o que havia de útil para ser escrito, já está escrito, Maria. Um sujeito precisaria viver ao menos mil anos e ser um leitor voraz, se quisesse conhecer uma fração insignificante de tudo o que já existe [...] (Guerra, 2021, p. 203).

Semelhante a essas histórias de diásporas, provocadas pelos restos nocivos do período de escravidão, podemos destacar, a história de Jofre, de *Marcas, sonhos e raízes* escrito por Sônia Fátima da Conceição, que por sua dedicação e forte identificação com a ideologia do movimento negro é demitido, após bater de frente com o patrão, e termina sendo despejado por falta de pagamento, do aluguel da pensão em que vivia, até então, passando a ser um sujeito errante em busca diária de um lugar para habitar.

3. Sobre diásporas temporais e interplanetárias

O movimento da diáspora, é uma das fortes características entre os romances estudados, podendo acontecer com distâncias intercontinentais, locais e, até interplanetárias, como nos romances: *A mulher de Aleduma* (1981) e *O céu entre mundos* (2021), onde as protagonistas Maria Vitória e Karima, experienciam viagens entre Aleduma e a Terra e, entre Wangari e a Terra.

Em *A mulher de Aleduma*, o movimento entre planetas se dá, pela invasão de Aleduma por homens gananciosos, que abusam de suas mulheres e desejam roubar seus tesouros materiais, numa forte analogia a invasão do continente africano pelo continente Europeu, bem como, ao sequestro e abuso sofrido pela população africana, em África ou nos países do Novo Mundo, para onde foram trazidos.

> Em certo continente da Terra, há milênio atrás, proveniente do espaço longínquo, surgiu um negro de aparência divina, com a missão de iniciar a proliferação de uma raça que, futuramente, viria se tornar, na história desse continente, um componente de relevante importância. Era Aleduma, um deus negro, de inteligência superior, vindo do planeta Ignum, governado pela deusa Salópia. Seu porte altivo, pele reluzente, ligeiramente corcunda, com os pés voltados para trás, barba trançada, caída até o chão, dava-lhe um aspecto singular, Veio para a escolha do local onde se desenvolveria a raça negra (França *apud* Santiago, 2012, p. 82)[2].

[2] Como o romance a mulher de Aleduma não foi acessado durante a pesquisa pelos motivos já mencionados na introdução, a presente citação do texto é proveniente do livro *Vozes Literárias de Escritoras* (2012) Negras da pesquisadora Ana Rita Santiago.

Em *O céu entre mundos*, a diáspora para a Terra, vivida por Karima, é motivada pelo seu resgate de um sequestro, planejado por um inimigo da sua família, no planeta Wangari, "Meu nome é Karima, e sou filha do ministro Malique e da memorialista Zaila, influentes personalidades de Wangari. Faço parte da quinta geração nascida nesse exoplaneta descoberto por uma frota de naves originárias do continente africano [...]" (Menezes, 2021, p. 16).

A viagem, que tem a princípio, o objetivo de proteger a vida da protagonista, acaba promovendo, um encontro dela com a história de sua origem terrena e com a sua ancestralidade.

> _ Olá Karima – me saudou animado -. Você deve estar cansada dessa viagem, não é? Pelos meus cálculos, se tudo correr como o esperado, em mais uns sessenta dias, estaremos pousando na Terra. Em outros tempos, esta rota não poderia ser feita em menos de um ano. Veja só! Avançamos bastante no último século, graças a ciência da computação e adaptações da mecânica, da robótica e da física, agora é possível percorrer essa distância de mais de cinco bilhões de quilômetros em quatro meses (Menezes, 2021, p. 53-54).

Na obra, a autora, além de exaltar todo progresso promovido pela ciência desenvolvida na África, traz para a discussão as questões ambientais e as consequências futuras ao uso desenfreado dos recursos naturais. Uma temática, muito comum, nas ficções afrofuturistas, classificação teórica na qual se encaixa esse romance.

Numa diáspora temporal, com o avanço de quase quatro séculos para o ano de 2403, conheceremos a nova configuração do Brasil, que precisou deslocar toda a sua população do litoral para o centro e o norte do país. Essa diáspora coletiva dos lugares, onde a especulação imobiliária, afastou muitas pessoas, vai ser o cenário para o enredo de *(In)Verdades* e *(R)Evolução*, da romancista afrofuturista Lu Ain-Zaila, nessa diáspora temporal, a autora, nos permite visualizar as consequências de todo descaso da humanidade com o meio ambiente.

> **NOTÍCIAS DE ARQUIVO**
> República Federativa do Brasil
> Ano: diversos Categoria: política, histórica e geográfica
> Período: séc. 22, 23, 24 e 25
> **O que fizemos? Autoridades assumem que não cumpriram metas de redução de resíduos, colapso**
> **Água invade ruas e prédios em todo o litoral brasileiro**
> Tribuna do Sudeste online (3.1.2100)
> **Aumento do nível do mar provoca evacuação de cidades litorâneas por todo o Brasil**
> Tribuna do Sudeste online (1.1.2104)
> **Fim do litoral brasileiro redesenha o país**
> Voz do Norte online (24.3.2107) (Ain-Zaila, 2016, p. 07).

Além de uma importante reflexão sobre as discussões ambientais, cada vez mais necessárias em nossos dias, a autora, a partir da história da sua protagonista Ena, leva para um futuro bem distante - que só poderá ser validado pelos descendentes de muitas gerações a nossa frente -, a corrupção e os comportamentos ambiciosos e egoístas como continuação do grande impedimento para a vida no planeta.

Considerações finais

Os romances escritos por mulheres negras registram inúmeros processos de diásporas e as suas mais variadas motivações. Possibilitam nosso acesso ao movimento externo e interno das populações negras no Brasil e na África a partir de outra perspectiva de olhar.

Tendo a diáspora como pano de fundo, os enredos informam sobre movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização que acompanharam o processo de ocupação do território brasileiro, resultado das estruturas espaciais organizadas a partir dos desdobramentos da longa exploração do trabalho escravo e do abandono do estado a população negra no pós-abolição.

Podemos concluir, que a narrativa de autoria feminina negra, pode ser olhada como plataforma de enunciação de outras práticas espaciais, além de ser tomada como um espaço para a construção/divulgação de lugares, das relações afetivas e sociais dos sujeitos com os lugares e da afetação dos lugares nos sujeitos. Ao retratarem os movimentos diaspóricos, as autoras possibilitam a descrição dos territórios a partir de outros pontos de vista e apresentam dinâmicas sociais de organização e ocupação do espaço ainda pouco discutidas.

Referências

ALBUQUERQUE, Fabiane. *Cartas a um homem negro que amei.* Rio de Janeiro. Malê, 2022.

AIN-ZAILA, Lu. *(In)verdades*: ela está predestinada a mudar tudo. Duologia Brasil 2408. – 1.ª ed. Rio de Janeiro: [s.n], 2016.

AIN-ZAILA, Lu. *(R)Evolução:* eu e a verdade somos o ponto final. 1.ª ed. Rio de Janeiro: [s.n], 2017. 278 p., 21 cm – (Duologia Brasil 2408; v. 2) ISBN: 978-85-922-327-19

BASSI, Karine. *Sob o caminho uma rajada de vento*. Belo Horizonte. Editora Venas Abiertas, 2020.

BRANDÃO, Luís Alberto. *Teorias do espaço literário*. 1ª ed.. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte- MG; FAPEMIG, 2013.

CONCEIÇÃO, Sônia Fátima da. *Marcas, sonhos e raízes*. São Paulo: Ed. da Autora, 1991

CRUZ, Eliana Alves. *Água de barrela.* 5.ª ed. Rio de Janeiro. Malê, 2018a.

CRUZ, Eliana Alves. *O crime do Cais do Valongo.* 5.ª ed. Rio de Janeiro. Malê, 2018b.

CRUZ, Eliana Alves. *Nada digo de ti, que em ti não veja***.** 1.ª ed. Rio de Janeiro. Pallas, 2020.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. *Lugar geopsíquico*: contribuições da psicanálise para uma epistemologia da geografia. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP: [s.n.], 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência*: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 74-92

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro. Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória.* 3ª ed. Rio de Janeiro Pallas, 2017.

FRANÇA, Aline. *A mulher de Aleduma.* Salvador: Clarindo Silva e Cia. Ltda., Tipografia São Judas Tadeu, 1981. 2. ed. Salvador: Ianamá, 1985.

FELINTO, Marilene. *As mulheres de Tijucopapo.* São Paulo. Ubu Editora, 2021.

FORTUNATO, Clarice. *Da vida nas ruas, ao teto dos livros*. 1.ª ed. Rio de Janeiro. Pallas, 2021.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 24.ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2020.

GUERRA, Lilia. *Amor avenida ou a casa da Lins.* 2.ª ed. São Paulo. Patuá, 2022.

GUERRA, Lilia. *Rua do Larguinho e outros descaminhos.* 1.ª ed. São Paulo. Patuá, 2021.

GUERRA, Lilia. *O céu para os bastardos*. 1ª ed. São Paulo. Todavia, 2023.

JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da fome.* Prefácio de Eduardo de Oliveira. São Paulo: Áquila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LUCINDA, Elisa. *Fernando Pessoa*: o cavaleiro de nada. 3.ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2015.

LUCINDA, Elisa. *Livro do avesso:* o pensamento de Edite. 3.ª ed. Rio de Janeiro. Malê,2021.

MACEDO, Cristiane. *Nossas vidas pretas.* São Paulo. Desconcertos Editora, 2021.

MENEZES, Sandra. *O céu entre mundos*. Rio de Janeiro. Malê, 2021.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. *A Geografia de Yi-Fu Tuan:* essências e Permanências. 203f. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. – (Série prazer de ler; n. 11 e-book)

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da Silveira. *É fogo!* 2.ª ed. São Paulo. Hucitec, 2020.